

ENTRE O RURAL E O URBANO: O TERRITÓRIO DE ALCÂNTARA E A MANUTENÇÃO DE SUAS FRONTEIRAS ÉTNICAS

artigo

Maria Suely Dias Cardoso
Maristela de Paula Andrade

RESUMO

Neste artigo procuramos refletir sobre a manutenção de fronteiras étnicas de parte de *quilombolas* que se deslocam espontaneamente de Alcântara para a cidade de São Luís, no Maranhão. Constatamos que redes ancoradas em vínculos étnicos, entre os que estão no meio urbano e aqueles que permanecem nos povoados do interior de Alcântara não se rompem, mantendo-se os direitos à terra nos locais de origem.

PALAVRAS-CHAVE

Quilombolas. Deslocamento de camponeses para o meio urbano. Identidade étnica.

ABSTRACT

In this article we reflect on the maintaining ethnic boundaries by *quilombolas* who move spontaneously from Alcântara town to of São Luis city in Maranhão. We found that the networks based on ethnic ties between those in urban areas and those who remain in the country villages of that town do not break, which allows them to keep the rights to their lands in their hometown.

KEYWORDS

Quilombolas. Migration of peasants to urban areas. Ethnic identity.

1 Introdução

No estudo que serve de base à elaboração deste artigo (CARDOSO, 2008) buscamos compreender as relações estabelecidas entre famílias originárias do *território étnico* de Alcântara (ALMEIDA, 2006), hoje residentes em bairros populares de São Luís, e seus parentes, vizinhos, conhecidos e compadres, que permanecem residindo, cultivando, pescando e realizando atividades extrativas em povoados¹ desse município.

No presente artigo, como naquele estudo, realizamos análise da situação vivida por uma família, oriunda do povoado Santana de Caboclos, que se transfere para a *Camboa*, bairro de palafitas da capital, à beira do Rio Anil, em São Luís. Esses conjuntos de palafitas, característicos da ocupação de terrenos vagos, à beira da maré, por famílias camponesas originárias de municípios do interior do estado², existiram até aproximadamente 2010, quando o governo federal passou a expropriá-las e a transferi-las para prédios de apartamentos, a pretexto de implantar ações de saneamento.

Ao escolher a família Ferreira para acompanhar durante oito meses, em 2007, realizando observação direta e entrevistas, assim como viajando com o Sr. Catarino Ferreira a Alcântara, quando do seu primeiro retorno ao povoado de origem, produzimos o que Sardan denomina de *cas de terrain*:

Le cas de terrain s'oppose donc à la fois au cas abstrait, macrosocial ou agrégé, d'un côté, et à la acception large de l'étude de cas, assimilée à toute étude qualitative, ou descriptive,

ou comprehensive (...) Cependent, le cas de terrain ne signifie ni un enfermement dans le cas, ni un enfermement dans le terrain. Un cas de terrain, même 'micro', même étudié en profondeur pour son intérêt propre, même non inclus dans un corpus de cas à visée comparative, même non générateur de théorisation nouvelle, renvoie toujours, en socio-anthropologie, à un au-delà de lui-même, à un ensemble plus large, à un contexte social plus vaste, à d'autres cas, à un thème de recherche, à une problématique. (SARDAN, 2008, p. 75)

Assim sendo, nosso *cas de terrain* nos conduziu à tese de que as fronteiras étnicas, tal como vividas por grupos de *quilombolas* de Alcântara, não se rompem com o estabelecimento de alguns de seus membros no meio urbano. A análise do caso particular, bem circunscrito e específico (SARDAN, 2008, p. 75) nos levou a confrontar teses de autores que enfatizam a dissolução das identidades étnicas no mundo moderno, alcançadas que seriam por processos de globalização (HALL, 2006).

Buscamos, então, refletir sobre os vínculos étnicos, aqui tratados conforme as proposições de Weber (1972) e Barth (2000), que continuaram a interligar tais famílias, hoje no meio urbano, àquelas de seus locais de origem, procurando compreender como se mantiveram as fronteiras étnicas após o deslocamento espontâneo para a capital.

Ressaltamos que trataremos dos que se deslocaram por livre vontade, ou seja, dos que o fizeram por motivações familiares várias. Focalizaremos aqueles deslocamentos de famílias camponesas inteiras ou de al-

1. Termo aqui alusivo à unidade territorial.

2. Tais bairros populares foram se formando pela ocupação espontânea de parte de famílias camponesas, oriundas, sobretudo, de municípios integrantes da Microrregião da Baixada Maranhense, na mesorregião Norte Maranhense, conforme classificação do IBGE.

guns de seus membros, motivados historicamente pela busca de produtos industrializados e de serviços aos quais não tinham acesso no município de Alcântara, como escolas e assistência médica. Mais do que significar a fixação definitiva na capital, em muitos casos passaram a representar um trânsito constante de pessoas, produtos, favores, solidariedades e notícias de um lugar a outro.

As famílias que se deslocaram para a capital fizeram-no aproveitando-se da existência de terrenos não ocupados na periferia da cidade – em geral locais alagados pelas marés e, portanto, nos anos 50, 60, 70 do século passado, sítios de pouco interesse para o Estado ou ao mercado imobiliário. Afluíam à cidade de São Luís, principalmente para vender sua produção – peixe seco, farinha, frutas, camarão, carvão e outros produtos e alimentavam, assim, importantes feiras e mercados da capital (LINHARES, 1999). Nesses locais, preteridos pelo mercado imobiliário, se fixaram, aterrando-os, produzindo um espaço hoje cobiçado pelos órgãos oficiais e suas obras assim como por outros segmentos sociais. A partir dos anos 2009, 2010, aproximadamente, esses aglomerados de alcantarenses, situados à beira do Rio Anil, em São Luís, foram alcançados por obras do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC e as famílias remanejadas para apartamentos o que, com certeza, afetou profundamente seu modo de vida, tal como consolidado nessas áreas urbanas há décadas. Os desdobramentos da ação oficial que os atingiu não foram, porém, devidamente estudados até o momento.

Dentre os vários elementos que permitiram perceber, no decorrer da pesquisa de campo, os vínculos que continuam a ligar as famílias da capital àquelas que permanecem

no local de origem está a Festa de Nossa Senhora de Santana. A participação do principal interlocutor da pesquisa nesse evento, que tivemos oportunidade de observar diretamente, nos permitiu captar, em ato, a plasticidade das fronteiras étnicas que se projetam para além da Baía de São Marcos, acidente geográfico que separa o continente da Ilha de São Luís.

2 Deslocamentos espontâneos e a expansão da fronteira étnica do território de Alcântara

Deste modo, tomamos para reflexão a situação que envolve a família nuclear dos Ferreira, oriunda do povoado³ Santana de Caboclos, grupo reconhecido oficialmente como *remanescente de quilombo*, e que se estabeleceu no bairro da *Camboa*, em São Luís.

Famílias como a de Seu Catarino Ferreira, pescador e vendedor de peixe, hoje estabelecidas na capital, constituíram, historicamente, uma rede de relações sociais acionando estratégias particulares que podem ser assinaladas como parte daquelas de manutenção e reprodução desses grupos étnicos, entendidos aqui como formas de organização social, cujos membros se identificam e são identificados como *quilombolas* (BARTH, 2000, p.31).

Em nosso caso, construído a partir dos dados de campo, procuramos compreender as motivações do deslocamento da família para a capital e as estratégias que permitiram a esse pescador estabelecer-se na cidade, reelaborando seu modo de vida, uma vez instalado no ambiente urbano.

Deslocamentos como esses, do interior de Alcântara para áreas periféricas da cidade de São Luís, vêm ocorrendo historicamente há

3. Termo aqui entendido como indicando unidade social.

décadas (LUZ SILVA, 2007). Inspirando-nos nas reflexões realizadas por Wolf (2003), em seus estudos acerca das relações de poder nas sociedades complexas, e a partir da observação do cotidiano da unidade familiar dos Ferreira, na capital, foi possível perceber os vínculos que famílias estabelecidas na cidade mantêm com suas comunidades de origem. Tratamos, portanto, inspiradas nesse autor, de buscar a intersecção entre os universos rural e urbano⁴, entre as dimensões locais e nacionais, entre o que esse autor denomina de *comunidades locais* e o que conceitua como *nação*.

Lembremos que ao estudar grupos migrantes na Mesoamérica e no Tirol, Wolf (2003) chamou a atenção para duas possibilidades: no caso das *comunidades corporadas fechadas*, a migração seria objeto de sanções de parte do grupo que permanece. Na Mesoamérica, aquele que migra para os centros urbanos tinha os laços de parentesco cortados, e podia até ser acusado de bruxaria, perdendo direitos de retornar ao local de origem. Os parentes o abandonavam à morte social:

Quando uma pessoa migra de uma tal comunidade [como Chiapas, no México] está perdendo para ela, a não ser que os mecanismos corporativos se quebrem e lhe permitam estabelecer relações com pessoas aparentadas no povoado de origem, ou que novos migrantes busquem seu auxílio no lado de fora (WOLF, 2003, p. 106, grifos nossos).

No Tirol, da mesma forma, os padrões de herança faziam com que os laços entre os herdeiros, que eram obrigados a abrir mão da herança se quebrassem e os preteridos emigrassem, enquanto as situações envolvendo o que o autor conceitua como *comunidades abertas* se aproximariam daquela sobre a qual tentamos refletir neste artigo:

Nem a organização comunal corporada e ou nem grupos lineares corporados separam os migrantes potenciais daqueles que potencialmente ficarão. Ai, a pessoa é livre para mobilizar tanto amizade quanto laços de parentesco para favorecer sua mobilidade dentro e fora da comunidade. Os laços de parentesco com os migrantes não se perdem – eles se tornam valiosos para a transmissão de serviços e bens (WOLF, 2003, p. 107, grifos nossos).

Wolf cita os portoriquenhos de San José, que mantinham fortes laços com seus parentes nos Estados Unidos, e também aqueles da comunidade italiana de Tret, no Tirol, que não perdiam “de vista nenhum parente que tenha ido para os Estados Unidos e mantém-se em contato por meio de cartas e presentes mútuos.” Citando Ernestine Fiedl, o autor diz:

O papel dos laços de parentesco como mecanismo para manutenção das conexões entre o urbano e o rural é extenso e penetrante. E uma mudança de status social de camponês grego pobre para rico ou para qualquer outra posição de maior prestígio não resulta numa ruptura dos laços de obrigações de parentesco.

4. Temos clareza da complexidade envolvida no tratamento das categorias urbano e rural como dicotômicas, discussão que foge aos objetivos deste artigo. A este respeito ver José Eli da Veiga, *Cidades Imaginárias. O Brasil é menos Urbano do que se Calcula*. Campinas-SP, Editora Autores Associados, 2002, 304p. Sabemos, igualmente, que nosso material poderia ser analisado a partir das ideias de Kearney (1996) acerca da reconceitualização das categorias clássicas *camponês* e não *camponês*, *rural* e *urbano*, *tradicional* e *moderno*, o que será realizado em outro trabalho.

De forma semelhante, encontramos nas relações sociais que se estabeleceram entre famílias que pescam, cultivam e vivem do extrativismo em povoados do território étnico de Alcântara, e aqueles seus consanguíneos e aliados que vivem na cidade de São Luís, a constituição histórica de uma rede interligando os dois lugares. As relações e laços sociais se ramificam, prolongando-se para o meio urbano, alimentados por uma extensa rede de parentes, amigos e compadres.

É possível pensar, portanto, a partir dessa perspectiva, o caso da unidade familiar de Catarino Ferreira, ora estabelecida no bairro da *Camboa*, e que continua mantendo relações sociais, econômicas e religiosas, não apenas com integrantes de seu povoado de origem – Santana de Caboclos – mas com famílias de povoados vizinhos (Itapuaua, Perizinho, Peroba de Cima). Tais relações sociais interligam pessoas e famílias no âmbito de uma extensa rede de relações consolidadas antes da transferência para a capital, e que é característica dos vínculos que unem localidades do município de Alcântara de forma sistêmica, promovendo uma interdependência entre povoados (ALMEIDA, 2006). Aludindo aos vários povoados alcançados por essa ampla rede de relações – econômicas, religiosas, de parentesco – unindo famílias e grupos, pertencentes a distintas localidades, o Sr. Catarino sempre dizia: “é só uma coisa só, só muda o nome”, referindo-se a Santana de Caboclos, Perizinho, Peroba de Cima, Itapuaua e Esperança.

As famílias, uma vez instaladas na capital, continuam a alimentar tal rede, calcada em vínculos étnicos, que as liga aos locais de origem. Na medida em que “os grupos étnicos não são apenas ou necessariamente baseados na ocupação de territórios exclusivos” (BARTH, 2000, p.34), no caso em questão, tais famílias vivem no meio urbano sem

perder os laços que as ligam às coletividades de origem. Procuramos ressaltar, então, as diferentes maneiras por meio das quais aqueles vínculos são mantidos e os modos de expressão e validação contínuos de laços entre pessoas e grupos.

Tal rede atravessa a organização social desses grupos, de modo que o acionamento da identidade de *quilombola* ou de *remanescente de quilombo* está intrinsecamente relacionado à garantia de uso e posse da terra no lugar de origem, mantendo-se aberto àquele que quiser retornar, a qualquer momento, o acesso à terra no povoado do qual são originários.

3 Manutenção ou crise da identidade étnica?

Realizando um exercício a partir das ideias de Hall (2006) acerca do que denomina de *crise de identidade* e de *descentramento do sujeito* nas sociedades contemporâneas, tentamos pensar, por contraste, a situação ora examinada. Segundo este autor, desde o final do século XX velhas identidades estariam em declínio:

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p.7, grifos nossos).

O autor trata da chamada *crise de identidade*, colocando-a como questão central do mundo dito pós-moderno, em que o indivíduo possuiria múltiplas e contraditórias

identidades. Também chama atenção para o que considera como característica da identidade nos tempos modernos, o *descentramento do sujeito*:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um 'sentido de si' estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma 'crise de identidade' para o indivíduo (HALL, 2006, p.9).

Na situação analisada não verificamos perda ou diluição de identidades antigas, que, de acordo com Stuart Hall, se esvaneceriam diante das transformações do mundo moderno ou pós-moderno. Ao contrário, o deslocamento para o meio urbano, a saída da comunidade étnica (WEBER, 1972) de origem, o enfrentamento de uma nova ordem em termos de moradia, trabalho e sociabilidade, não significa a perda dos antigos laços e o rompimento de vínculos. A sólida locali-

zação social como integrante de uma coletividade, no caso estudado, não se perde, mas é alimentada e continua a reforçar antigos laços, calcados em fundamentos étnicos.

Muito embora os atuais *quilombolas* de Alcântara nunca tenham conhecido o isolamento da sociedade mais ampla, mantendo e alimentando, historicamente, relações econômicas com a capital São Luís e, inclusive, abastecendo importantes mercados regionais, não se pode negar que, contemporaneamente, enfrentam transformações profundas em seu modo de vida e, sobretudo, no tocante ao acesso aos recursos básicos no lugar de origem. A urbanização e a implantação de projetos como a Base Espacial de Alcântara, a construção de estradas e o declínio das vias de comunicação por mar (NORONHA, 2008), o desaparecimento de portos na cidade de São Luís, o descenso do comércio assentado nas vias fluviais e marítimas tem tido consequências sobre o modo de vida dessas comunidades no meio rural e, portanto, sobre aquele das famílias que se deslocam para a capital, aqui fundando bairros quase que exclusivamente de alcantarenses (LUZ SILVA, 2007).

As fábricas de tecidos (Camboa, Roma e Carioca), até os anos 50 do século XX, estavam localizadas às margens do Rio Anil e tinham seus próprios portos para embarque e desembarque de produtos oriundos da economia camponesa (LUZ SILVA, 2007, p. 41)⁵.

Certamente, o desaparecimento de grande parte desses portos é apenas um dos indí-

5. Em Linhares (1999, p.115), encontramos a alusão a portos de exportação existentes em Alcântara e na Ilha de São Luís, respectivamente: "Samucangaua, Arrupiado, Peroba de Baixo, Porto do Pagã, Porto da Fontinha, Prainha, Pavão, Quirititua, Oitíua, Taperai, Belém, Raimundo Su, Jerereital, Ponta do Soares, Jacaretíua, Quindíua de Caboclo (Bequimão), Quindíua de Orácio, Perizinho, Bacurejuba, Itapuaua, Canavieira, Ponta d'Areia, São João de Cortes, Porto do Santa Maria, Tocáua, Pacuri, Peri-Açu, Macajubal, São Lourenço, Porto Alto, Porto do Deserto (este é o último porto da cabeceira do Igarapé de São João de Cortes), Panamirim, Itauaú." O mesmo autor cita, ainda, diferentes portos da Ilha de São Luís: "Praia Grande, Portinho, Madre de Deus, Porto do Cavaco, Barragem do Baganga (sic), Porto da Lagoa da Jansen, Rampa das Bóias (perto do Palácio dos Leões), Porto do Caju (defronte da RFFSA), Porto da Camboa (onde fica a TV Difusora), Porto

cios do amplo processo de transformação da cidade de São Luís nas últimas cinco ou seis décadas, muito embora sempre se deva ter em mente que o tipo de mudanças apontadas por Hall (2006, p. 9) relativas à expansão da sociedade moderna, tomadas genericamente, diferem do que ocorre nas cidades de São Luís e de Alcântara, nas quais as alterações não se fazem sentir no mesmo ritmo. As transformações da sociedade capitalista, como sistema cultural, não deixam de alcançar cada canto do país, porém não apagam por completo, e de uma só vez, formas de sociabilidade, sistemas de crenças, modos de agir sobre a natureza que caracterizam a organização social desses grupos camponeses. Lembremos que, mesmo no âmbito do capitalismo e da modernidade, o conhecimento local e a identidade contribuem para a produção de diferentes significados, atribuídos por esses grupos à sua economia, à natureza e a eles mesmos (ESCOBAR, 2005, p.161). Ainda segundo Escobar, que cita Gu-deman e Rivera:

As economias das comunidades baseiam-se no lugar (mesmo que não amarrados-ao-lugar, porque participam de mercados translocais), e frequentemente mantêm um espaço comum que consiste em terra, recursos materiais, conhecimento, ancestrais, espíritos, etc. (ESCOBAR, 2005, p.157, grifos nossos).

Assim, no caso em questão, os elementos definidores da identidade do grupo étnico são reforçados nas relações mantidas entre os que permanecem no local de origem e os que se estabeleceram na capital, sendo o sentimento de pertença realçado nos espaços de sociabilidade constituídos no meio urbano (grupos de *Tambor de Crioula*, *Bumba Meu Boi*, festas de *reggae*⁶); nos espaços econômicos (feiras livres no bairro, transporte de variados produtos das comunidades para São Luís através das embarcações de pessoas dos povoados e vice-versa) e nos espaços religiosos (festas religiosas em homenagem aos santos padroeiros das comunidades).⁷

Um dos indicativos de que os vínculos étnicos não se rompem nem se apagam no contexto urbano é o fato de esses agrupamentos na cidade ocorrerem com base nesses laços. Nesses casos, os alcantarenses, oriundos de povoados, se agrupam em ruas e bairros específicos na cidade de São Luís, formando aglomerados residenciais, no âmbito dos quais fundam grupos de *Bumba Meu Boi*, promovem as chamadas *festas de santo*, encontram-se nos *terreiros de Mina* (FERRETTI, 2002;2004), juntam-se nas feiras livres para vender seus produtos, sobretudo o pescado. Ou seja, há toda uma recriação/permanência do que poderíamos denominar de um universo camponês na

do Fundo de Revenda (onde hoje é uma creche, era o antigo supermercado Bom Preço), Porto do Matadouro (onde hoje é Liberdade), São Francisco, Porto da Fé em Deus, Porto de Romãs (Romãs era uma fábrica), Porto da Alemanha, Porto do Caratatiua e Porto do Anil” (LINHARES, 1999, p.115).

6. O *Tambor de Crioula* é um ritual de canto e dança, consagrados a São Benedito, em agradecimento pelas graças recebidas. Para conhecimento, consulte-se Ferretti (2002). O auto do *Bumba Meu Boi*, também chamado de *brincadeira do Bumba Meu Boi*, em São Luís, está relacionado a promessas que os denominados *brincantes* fazem a São João, São Pedro e São Marçal, no mês junino, por dádivas alcançadas. Ver Ferretti (2004); Lima (1996); Carvalho (1995). Sobre o *reggae* no Maranhão, consultar Silva (1995).

7. A este respeito, vide estudo de Flávio Pereira da Silva sobre a festa de Nossa Senhora da Batalha, do povoado Castelo (SILVA, 2005), como um ritual que garante a manutenção da identidade do grupo e a identificação entre os que moram no povoado alcantarense e seus parentes, residentes em São Luís, denotando uma movimentação intensa entre os que aqui se encontram e os que estão lá.

capital, São Luís. Do mesmo modo, os que estão na capital promovem junto com os que estão no local de origem encontros nos seus povoados, em eventos significativos para o grupo, a exemplo da festa realizada em homenagem a Nossa Senhora de Santana, no caso de Santana de Caboclos.

4 Observando o alargamento das fronteiras étnicas

No caso que tomamos para objeto de reflexão encontramos um evento, a Festa de Nossa Senhora de Santana, que ocorre anualmente em Santana de Caboclos, e que nos permitiu perceber como se processa a manutenção das fronteiras étnicas, muito embora os limites físicos do povoado tenham sido ultrapassados por aqueles que se deslocaram espontaneamente. A participação na festa e o modo como nela se envolvem aqueles que residem no meio urbano indicaram, ainda, que a manutenção das fronteiras étnicas conduz à possibilidade de o acesso às terras permanecer aberto mesmo àqueles que se ausentaram do povoado, fixando residência do outro lado da Baía de São Marcos.

No caso em questão, nosso principal interlocutor, seu Catarino Ferreira, tinha escolhido regressar a Santana em plena festa da padroeira, após sete anos de fixação em São Luís e de ausência do local de origem. Tivemos a oportunidade de acompanhá-lo nessa viagem, conforme relatamos em outro trabalho:

Seu Catarino, pescador, radicado no meio urbano, lá estava atrás de um balcão de barraca de festa de santo, ao som de músicas que escolhera para tocar, vendendo cerveja na venda de seu sobrinho, externando a certeza de que se quiser colocar seu roçado no próximo ano agrícola nas terras de Santana, nenhum

parente vai impedi-lo. E todas as questões sobre o território étnico de Alcântara, suas ramificações para o meio urbano, alimentadas por uma extensa rede de parentes, amigos e compadres, se me apresentava ali, de modo vívido e concreto, na experiência de seu Catarino e em sua história pessoal (CARDOSO, 2008, p.30).

Chegamos junto com o Sr. Catarino ao povoado e pudemos observar como se portava, como tratava os demais e como era por eles recebido, a quem visitava, em quais casas e povoados vizinhos se dirigia. Observamos o importante momento de seu retorno ao local de origem, do qual saíra há sete anos, movido por tensões familiares. Sua volta, em plena festa da padroeira – ocasião em que o interlocutor exibia seu pertencimento ao grupo, reencontrando parentes e amigos, reafirmando seu direito à terra, em pleno acordo com as regras acatadas pelo grupo – indicava que a fronteira étnica se mantinha, abarcando mesmo aqueles membros que se afastavam para o meio urbano durante um longo período.

Neste sentido, é interessante relembrar o estudo sobre os Pathan, realizado por Barth (2000, p. 91), no qual o autor enfatiza que, naquele caso, a diversidade de estilos de vida não prejudicava a autoimagem do grupo étnico, pois os membros daquela sociedade selecionavam apenas alguns traços culturais e os tomavam como os únicos critérios para determinar, sem ambiguidades seu pertencimento. O autor mostra, ainda, “como diferentes formas de organização pathan representam várias maneiras de consumir a identidade diante de circunstâncias em mudança” (BARTH, 2000, p.91).

Seguindo a análise com Barth, também nos interrogamos acerca das condições em que o senhor Catarino lograva manter os

vínculos que o uniam ao seu grupo no povoado, fazendo expandir as fronteiras étnicas de sua comunidade de origem, estendendo-as até a capital. Sua vinda, juntamente com esposa e filhos, para o bairro onde já residiam sua irmã e tios data do início da década de 2000, e sua permanência neste local está relacionada ao apoio recebido de parentes e de conhecidos seus, oriundos dos povoados de Alcântara, que ali encontrou, como demonstra seu depoimento:

Fui só pra passar natal e ano em São Luís e não voltei mais. Levei uma rede de pesca e fui ficando, ficando. Meu tio me arrumou a casa dele que ele não morava lá, uns e outros foram me ajudando com panelas velhas, fogareiro e assim foi. Quando eu comecei a pescar em São Luís eu usava o *musiar*. E como tava tirando muito peixe e vendendo tudinho na avenida, meu tio me convenceu a ficar. Na avenida [local onde acontece uma feira, no bairro da Camboa] eu tive ajuda de conhecidos meus do interior, que me emprestavam a balança quando chegava freguês e depois me arranjaram uma balança velha. Como meu peixe era fresquinho, a freguesia foi só aumentando (depoimento obtido em Santana de Caboclos, em 27/07/07).

Como se pode depreender do depoimento, o trabalhador tinha chegado à capital munido de seu instrumento de trabalho principal e de seus conhecimentos específicos, ou seja, trazia com ele a possibilidade de sobreviver no meio urbano, situação bem distinta dos maranhenses que se deslocam para cidades do Rio de Janeiro ou de São Paulo em busca de trabalho, oferecendo-se como mão de obra não especializada à construção civil ou grandes plantações de cana ou frutas (CARNEIRO; MOURA, 2008). Outra

variável, que torna a fixação do Sr. Catarino na cidade bastante favorável, é a rede de parentes e conhecidos, que lhe emprestaram toda solidariedade, baseada não apenas nos laços de parentesco, mas em vínculos étnicos acionados no novo meio.

O Sr. Catarino se encaixa, então, em um nicho de mercado ainda possível no centro urbano de São Luís naquele momento, livre de patrões, obrigações ou pagamento de impostos, o que lhe permite uma movimentação totalmente independente, assim como a recreação, no meio urbano, da autonomia vivida no local de origem. Conforme suas palavras:

(...) dá pra mim ganhar meu dinheirinho aqui todo dia, a hora que eu sair pra pescar, tô com dinheiro no bolso, né, então já tem uma melhora pra meus filhos, né, hoje eles estudam numa escola, numa escola boa, que é por isso que eu agradeço graças a deus que tem essa beirada com uma riqueza de peixe, eu não tô bem de vida, mas é uma benção pra mim que hoje em dia a minha família, mora hoje metade em São Luís... Então, pra mim hoje aqui tá bom demais (Sr. Catarino em 30/06/07).

Se pensarmos nos termos de Barth quando estuda os Pathan, embora as situações difiram etnologicamente, diremos que o trabalhador exhibe, em São Luís, uma performance de pescador que está conforme o “modelo nativo” compartilhado por aqueles de seu grupo de origem (BARTH, 2000, p. 72), sendo seu comportamento avaliado a partir desse parâmetro. Assim, a fronteira étnica se mantém do lado de cá da Baía de São Marcos e os laços de solidariedade funcionam imediatamente. Sua afirmação como pescador no novo lugar é, portanto, um prolongamento de sua atividade no local de origem, dentro do mesmo quadro de

valores que orienta a autonomia e a relativa independência da economia desses grupos, como tem sido apontado pelos clássicos do campesinato.

Ao se expor na avenida para vender seu peixe, seu Catarino sustenta um comportamento público (“estava tirando muito peixe e vendendo tudinho na avenida”), diante de parentes e conhecidos do interior, o que nos faz lembrar Barth, novamente, quando analisa a identidade étnica Pathan:

O argumento básico é que as pessoas sustentam sua identidade através do comportamento público, que não pode ser avaliado diretamente: em primeiro lugar, deve ser interpretado com referência às alternativas existentes. As identidades étnicas funcionam como categorias de inclusão/exclusão e de interação, sobre as quais tanto ego como alter devem concordar para que seu respectivo comportamento seja significativo (BARTH, 2000, p. 90).

Por fim, a família Ferreira consegue, ao se transferir para o meio urbano, manter alguns costumes do lugar de origem, guardando certa maneira de ser do meio rural, o que pudemos perceber pelo acionamento de relações de parentesco em São Luís, tal qual no local de origem, por ocasião do apoio recebido de parte dos parentes residentes na capital e que apoiam seu estabelecimento na cidade. Outro aspecto observado em sua forma de viver na capital é a relação mantida com o mesmo recurso natural – o mar –, o que permite a recriação, no meio urbano, do ofício mantido no povoado. Deste modo, ele aprofunda sua inserção na lógica do mercado, no meio urbano, embora conserve e se oriente pelos conhecimentos que trouxe do lugar de origem.

5 Considerações finais

O caso, tal como o construímos com base nos dados de campo, nos levou a contradizer a suposição de que a migração ou o deslocamento para o centro urbano contribui para a descaracterização cultural de grupos camponeses ou para uma desestruturação de sua identidade étnica. No caso tratado neste artigo, a própria cidade oferece as condições que reforçam a identidade do pescador sem que a família tenha que abdicar de seus vínculos com o grupo de origem. O trabalhador e sua família se movimentam no âmbito de uma rede de relações, possibilitada pelo alargamento da fronteira étnica, que já abarcava vários povoados do *território étnico* de Alcântara.

A rede de parentes, espalhados por vários povoados, se espraia também entre Alcântara e São Luís, atualizando-se dinamicamente com base em relações vividas no *território étnico* entendido de um modo mais amplo, extrapolando suas fronteiras físicas.

Retomando uma vez mais a contribuição de Sardan (2008), vemos que o caso particular funcionou, então, como revelador, descritor, indicador, sintoma, exemplo (SARDAN, 2008, p. 76). A história da família, e o evento do retorno durante a festa de Santana, foram escolhidos por suas propriedades sintomáticas, como coloca, ainda, o autor:

On a pu souligner l'importante du “diagnostic event”, autrement dit un événement social choisi par le chercheur pour ses propriétés symptomatiques, qui lui sert de “révélateur”, parce que, dans les interactions qui s'y produisent, on observe le jeu de logiques sociales plus vastes, la mise en oeuvre de normes pratiques plus répandues, de déploiement de stratégies récurrentes, le poids de contraintes exogènes, l'effet de forces ou de mécanismes extérieurs”. (SARDAN, 2008, p. 76)

Constatamos, assim, que a história vivida por esta família específica, de forma particular, representa aquela de centenas e centenas de outras, experimentadas por *quilombolas* que deixam seus locais de nascimento em Alcântara ou em outros municípios da Baixada Maranhense e passam a construir inúmeros bairros da capital, sem perder ou abdicar dos vínculos étnicos que os ligam aos povoados de origem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de Almeida. Os quilombolas e a base de lançamento de foguetes de Alcântara. v. 2. DF; MMA, 2006.
- BARTH, Fredrik. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CARDOSO, Maria Suely Dias. Só vivo da pesca: estratégias de reprodução de famílias camponesas no meio urbano – entre Alcântara e São Luís, Maranhão. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós – Graduação em Ciências Sociais, 2008.
- CARDOSO, Maria Suely Dias. A Festa de Nossa Senhora Santana: um ritual de resistência que garante a terra e reforça a identidade dos moradores de Santana de Caboclos. In: Territorialidades e influências afro-caribenhas nas Américas: Caderno de resumo e Anais (org) SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. São Luís: Edufma, 2010.
- CARNEIRO, Marcelo Sampaio; MOURA, Flávia de Almeida. Migrações no Maranhão contemporâneo – uma análise do deslocamento de trabalhadores maranhenses rumo à lavoura da cana em São Paulo. V.1, nº 1. São Luís – CPT/UFMA, 2008.
- CARVALHO, Maria Michol Pinho de. *Matracas que desafiam o tempo: é o bumba-meu-boi do Maranhão*. São Luís: EDUFMA, 1995.
- ESCOBAR, Arturo. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? In: LANDER, Edgardo (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- FERRETTI, Sérgio F.(Org.) *Tambor de Crioula, ritual e espetáculo*. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2002 (Terceira Ed.).
- _____. Sincretismo, religião e culturas populares. In: *Ciências Humanas em Revista*. v.2, n.1, p.101-114, São Luís: EDUFMA, 2004.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KEARNEY, Michael. Reconceptualizing the peasantry. In: *Anthropology in global perspective*. Boulder: Westview Press, 1996.
- LIMA, Carlos de. Boi de zabumba. In: *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore*. nº05, jun 96, p.03.
- LINHARES, Luiz Fernando do Rosário. *Terra de Preto e terra de santíssima: da desagregação dos engenhos à formação do campesinato e suas novas frentes de luta*. (Dissertação de Mestrado). São Luís: UFMA, 1999. Mimeografado.
- LUZ SILVA, Lindimberge da. *Quilombolas entre Alcântara e São Luís*. 2007. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2007.
- NORONHA, Raquel Gomes. *No coração da Praia Grande: representações sobre as noções de patrimônio no centro antigo de São Luís*. Dissertação de Mestrado, PPGCSoc, São Luís: UFMA, 2008.
- SARDAN, Jean-Pierre Olivier. *La rigueur du qualitatif – Les contraintes empiriques de l'interprétation socio-anthropologique*. Louvain-la-neuve: Bruylant-Academia s.a, 2008.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. *Da terra das primaveras à ilha do amor – reggae, lazer e identidade cultural*. São Luís: EDUFMA, 1995.

VEIGA, José Eli da. *Cidades Imaginárias. O Brasil é menos urbano do que se calcula*. Campinas-SP: Editora Autores Associados, 2002, 304p.

WEBER, Max. Comunidades étnicas. In: *Economía y Sociedad – esbozo de sociología comprensiva*. México: Fondo de Cultura Económica, 1972.

WOLF, Eric. Aspectos das relações de grupos em uma sociedade complexa: México. In: Feldman-Bianco, Bela & Ribeiro, Gustavo Lins(orgs.). *Antropologia e Poder: Contribuições de Eric R. Wolf*. Editora Unb: Imprensa oficial do Estado de São Paulo: Editora Unicamp, 2003. pp. 73-91.

_____. Parentesco, amizade e relações patrono-cliente em sociedades complexas. In: pp. 93-114.

_____. Tipos de campesinato latino-americano: uma discussão preliminar. In: Feldman-Bianco, Bela & Ribeiro, Gustavo Lins (orgs.) In: op. cit. Pp. 117- 144.

_____. Comunidades camponesas corporadas fechadas na Mesoamérica e em Java Central. In: Feldman-Bianco, Bela & Ribeiro, Gustavo Lins (orgs.) In: op. cit. Pp 145- 164.

Maristela de Paula Andrade, antropóloga, docente do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Coordenadora do Grupo de Estudos Rurais e Urbanos, Gerur. Autora de vários trabalhos sobre camponeses no Maranhão.

Recebido em 09/06/12

Aprovado em 25/01/13

NOTAS SOBRE AS AUTORAS

Maria Suely Dias Cardoso possui graduação e mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão. Tem experiência na área com ênfase em Antropologia Rural e Antropologia do desenvolvimento atuando principalmente nos seguintes temas: camponeses, grupos e territórios étnicos, especialmente as chamadas comunidades quilombolas.